

O HOMEM E A COMUNICAÇÃO

O LIVRO DA  
**ESCRITA**

RUTH ROCHA  
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

OTÁVIO ROTH

ILUSTRAÇÕES

RAQUEL COELHO

**EM**  
MELHORAMENTOS



O HOMEM E A  
COMUNICAÇÃO

O LIVRO DA  
ESCRITA

RUTH ROCHA  
OTÁVIO ROTH

CRIAÇÃO E PROJETO GRÁFICO  
OTÁVIO ROTH

# ILUSTRAÇÕES RAQUEL COELHO



**GM**  
**MELHORAMENTOS**

1992 – Prêmio Jabuti – Melhor Obra em  
Coleção,

Melhor Produção Editorial

1993 – Prêmio Monteiro Lobato para  
Literatura Infantil,

Academia Brasileira de Letras





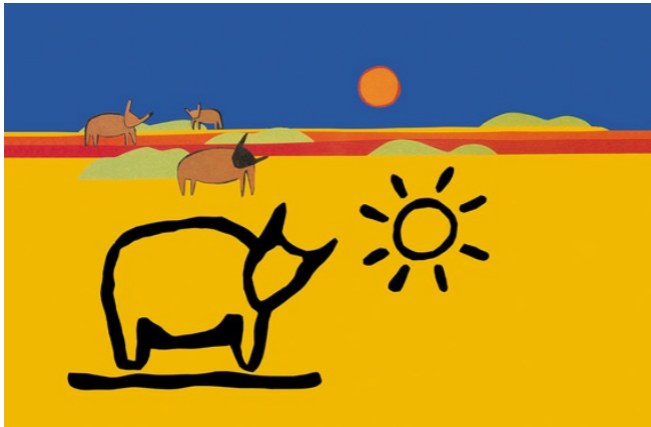
Antes que o homem soubesse escrever, não havia História.

É claro, como é que a gente pode saber o que acontecia, se ninguém escrevia contando?

Mas a gente sabe que, há quarenta mil anos, o homem não só existia, como

pensava e tinha até qualidades de artista, pois ele pintava nas paredes das cavernas touros e bisões, renas e cavalos.

Eram lindas pinturas, e por isso sabemos que quem as pintava era um homem de verdade e não um animal qualquer.



Essas pinturas, no início, eram feitas no fundo das cavernas, e não na entrada, onde os homens viviam.

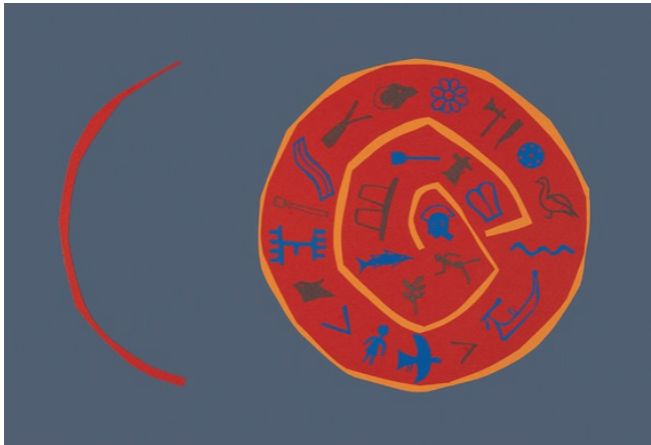
Isso nos faz pensar que essas figuras tinham um significado mágico.

Mais tarde começaram a aparecer desenhos que comunicavam alguma coisa. Eram uma tentativa de escrita,

embora fossem muito simples.

Quando o homem desenhava um boi, queria dizer boi; quando desenhava um jarro, queria dizer jarro; e, quando desenhava o Sol, queria dizer sol.

Era a escrita pictográfica.



Com o tempo, a escrita foi mudando. As pessoas precisavam escrever coisas mais complicadas.

Então, quando desenhavam um boi, nem sempre queriam representar um boi. Podiam estar representando uma boiada, o gado, ou simplesmente a carne.

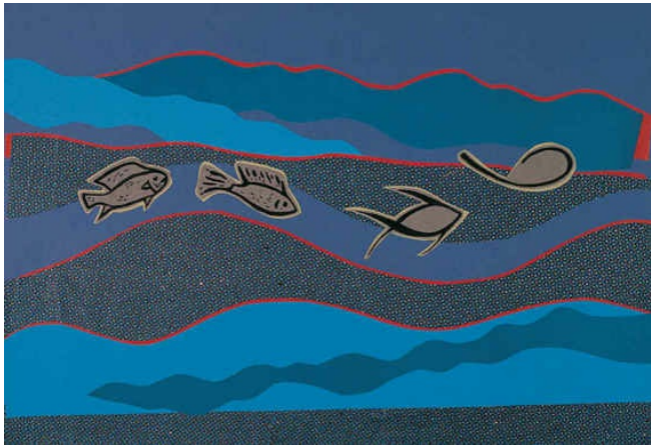
Quando desenhavam um jarro,

podiam estar representando mais do que um jarro: podiam estar representando a quantidade de líquido que cabia num jarro.

E, quando desenhavam o Sol, podiam estar representando o dia, a luz, ou até mesmo o calor.

Esse tipo de escrita já permitia contar uma pequena história ou mandar uma mensagem simples.

Era a escrita ideográfica.

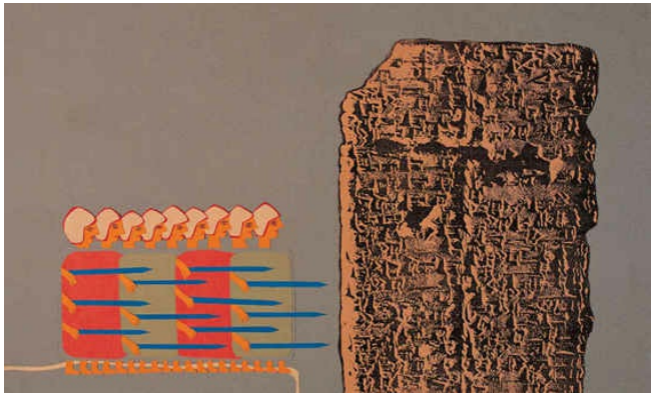


As pessoas passaram a escrever cada vez mais. Com isso foram simplificando progressivamente os símbolos.

E foram “combinando” entre si como desenhar cada símbolo, de maneira que o que uns escreviam fosse compreendido por todos.

Com o tempo os símbolos se simplificaram tanto que apenas lembravam o objeto que representavam no início.

O tipo de escrita que cada povo inventou dependeu do material usado para escrever.



Os babilônios tiveram a primeira escrita bem codificada.

Usavam lajotas de barro mole como suporte e um pequeno bastão de madeira ou ferro para escrever.

Como era difícil fazer linhas curvas no barro, passaram a fazer “marcas” calcadas na argila, com um estilete de ponta triangular, a cunha. Cada conjunto

de marcas significava uma palavra. Essa escrita foi chamada de cuneiforme.



Os babilônios desenvolveram uma escrita adequada ao uso das lajotas de barro. Seus vizinhos, os egípcios, criaram uma escrita que podia ser gravada na pedra.

Escrever na pedra é trabalhoso. Mas os documentos inscritos na pedra duram para sempre, e era próprio da

cultura egípcia dar muita importância à durabilidade de tudo.

Cada figura da escrita egípcia representava uma palavra. Essas figuras são os hieróglifos. Foram muito usadas nos monumentos.

Mais tarde os egípcios inventaram o papiro, que permitiu uma escrita mais rápida e acabou influenciando na simplificação dos hieróglifos, dando origem à escrita hierática e, mais tarde, à demótica.

E assim os egípcios deixaram três mil anos de história documentados.

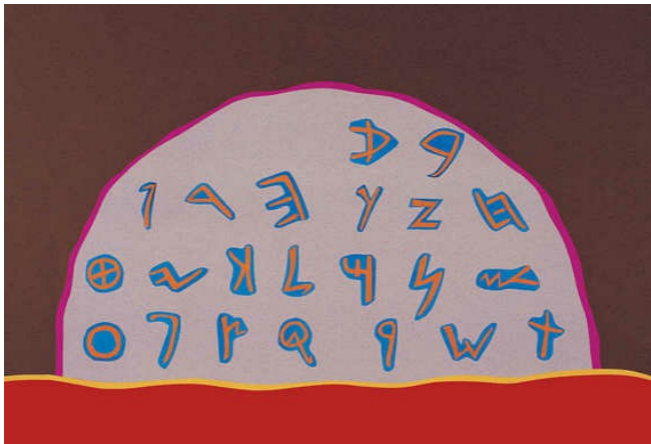


No Egito a atividade de escrever tinha muito prestígio. Havia até profissionais treinados para isso – os escribas –, que eram muito importantes na corte.

A civilização egípcia durou muitos séculos, e a escrita foi sempre evoluindo.

Na verdade, os egípcios chegaram a inventar uma escrita fonética, quer dizer, uma escrita em que cada som tem um símbolo ou uma letra.

Mas eles não souberam tirar grande vantagem dessa escrita, que era a mistura da escrita hieroglífica com a fonética.



A escrita fonética permite que se reproduzam todos os sons de todas as línguas com poucos sinais.

Os fenícios devem ter conhecido a escrita fonética por intermédio dos egípcios. Adaptaram o alfabeto fonético egípcio à língua fenícia e criaram o alfabeto de 24 letras, que usaram com

muita habilidade.

Eles habitavam a região que é hoje a costa do Líbano.



Os fenícios eram comerciantes, viajantes e navegadores, e espalharam o alfabeto fonético por todo o mundo conhecido na sua época.

De fato, todos os alfabetos fonéticos tiveram origem no alfabeto fenício: o hebraico, o árabe, o grego, o cirílico (russo), o devanágari (hindu), o

romano...



Ainda hoje alguns povos usam escritas pictográficas e ideográficas.

Os chineses ainda escrevem assim:

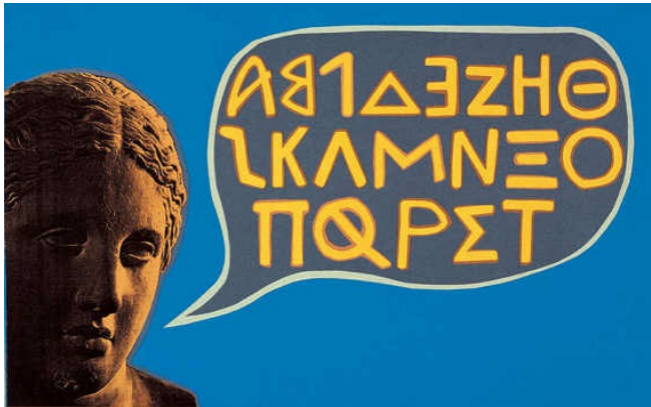
Homem + árvore = descanso

2 árvores = bosque

3 árvores = floresta

Os japoneses usam quatro escritas diferentes, que aparecem ao mesmo

tempo até nos jornais: uma escrita ideográfica, herdada dos chineses; um sistema silábico para os sons que não existem na escrita chinesa; um alfabeto inventado para as palavras estrangeiras; e o alfabeto romano, que serve para resolver os problemas restantes.



Os gregos adotaram o alfabeto fenício, mas inventaram novas letras para os sons que não existiam em fenício e abandonaram as letras cujos sons não existiam em grego.

Criaram uma porção de formas de escrever, pois havia muitos Estados gregos e muitas formas diferentes de

falar.

Todos sabem o quanto os gregos se preocupavam com a beleza. Assim, eles foram modelando as letras, para torná-las mais harmoniosas.

Estabeleceram a regra de escrever da esquerda para a direita, ao contrário das outras línguas semíticas. E introduziram o uso das vogais.



Os romanos herdaram o alfabeto grego. E, como os gregos, tiveram de fazer adaptações, introduzindo novas letras e eliminando as que não serviam para sua língua.

A forma das letras também foi se modificando, de acordo com as necessidades de sua civilização. Foi

assim que as letras ganharam uma base, um pezinho especial, que permitia o alinhamento das palavras, especialmente nas grandes inscrições dos monumentos.

Ainda se usam essas bases, chamadas “serifas”, em alguns tipos de letra.



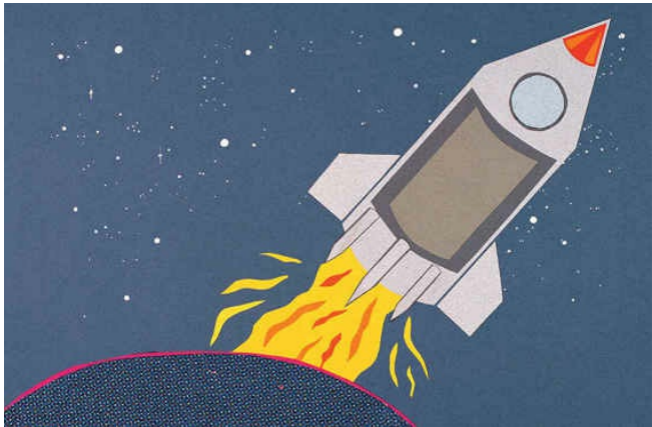
Hoje, todas as sociedades civilizadas possuem uma escrita.

O mundo moderno precisa da escrita até para as coisas mais simples: a compreensão de placas, as instruções para o manejo de máquinas, as bulas de remédios.

Precisa da escrita para desenvolver

teorias que levam ao desenvolvimento tecnológico, para a explanação de sistemas filosóficos, para a discussão dos estudos religiosos.

E a escrita, que foi na Antiguidade privilégio de sacerdotes e nobres, é hoje necessidade e direito de todos.



Desde a declaração de um sentimento até a conclusão de um grande negócio, a escrita tem servido à comunicação entre os homens.

E hoje, quando o homem começa a conquistar o espaço, ele envia, de suas poderosas naves, mensagens simples, na tentativa de comunicar a outros seres,

que porventura povoem outros planetas, nossa existência e onde nos encontramos.

É da natureza do homem comunicar-se, espalhar a notícia de sua existência, não só sobre a Terra, mas até os pontos mais longínquos do Universo.

**Ruth Rocha** nasceu em 1931 na cidade de São Paulo. É uma das mais conhecidas escritoras brasileiras de livros infantis e juvenis. Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à literatura infantil: FNLIJ, Prêmio Jabuti, APCA e ABL, entre outros. Atualmente é membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Casada com Eduardo Rocha tem uma filha, Mariana, e dois netos, Miguel e Pedro.

**Otávio Roth** (1952-1993). Paulista reconhecido mundialmente por sua obra em papel artesanal e eventos de arte participativa. Formou-se em Londres pelo Hornsey College of Art. Morou e trabalhou em Israel, Noruega e Estados Unidos. Também recebeu vários prêmios de literatura infantojuvenil como ilustrador e escritor. Suas ilustrações da Carta de Direitos Humanos estão em exposição permanente nas sedes da ONU em Genebra, Viena e Nova York. No Brasil foi pioneiro na divulgação do papel artesanal por meio de cursos, oficinas, publicações e exposições. Seu trabalho de reciclagem de papel e de elementos da natureza contribuiu para a construção da consciência ambiental

# **Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

Ilustrações: Raquel Coelho

Texto © Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda.

Representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

Criação e projeto gráfico: Otávio Roth

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 1992 Cia. Melhoramentos de São Paulo

© 2002, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

1.<sup>a</sup> edição digital, junho de 2014

ISBN: 978-85-06-07529-6 (digital)

ISBN: 978-85-06-05825-1 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)

[sac@melhoramentos.com.br](mailto:sac@melhoramentos.com.br)

